



Filipe Palavra

Médico neurologista – Hospital Pediátrico, Centro Hospitalar e Universitário de Coimbra; assistente convidado da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra; vice-presidente e secretário-geral da Sociedade Portuguesa de Neurologia

Névoa mental e Covid-19

O SARS-CoV-2 é um vírus pertencente a uma família de agentes tipicamente causadores de doença respiratória. Utilizando a enzima conversora de angiotensina 2 (ECA2) como porta de entrada, o vírus invade facilmente as vias respiratórias e os pulmões, dado que esta molécula aí existe em grande quantidade. Mas é precisamente por essa via, usando o mesmo recetor, que consegue também causar doença renal, cardiovascular e invadir o intestino delgado.

O cérebro (aqui entendido como uma perfeita sinédoque do sistema nervoso central) não é exceção – é ele próprio suscetível à invasão direta pelo vírus, mas também aos efeitos potencialmente lesivos da resposta inflamatória que o organismo monta para fazer frente ao invasor.

Efetivamente, será fácil pensar que, parasitando o nervo olfativo (e, com isso, comprometendo o sentido do olfato), o vírus entra literalmente numa autoestrada neuronal que só termina no próprio cérebro. Uma vez dentro do tecido cerebral, poderá o vírus invadir muitas outras células além dos neurónios, com reconhecidas implicações nos mecanismos de doença.

Ao longo dos últimos tempos, tem-se reconhecido que o vírus infeta pelo menos astrócitos e, com isso, danifica a barreira hematoencefálica, modificando a sua permeabilidade a partículas externas ao sistema nervoso, as quais poderão

contribuir para aumentar o dano sobre ele exercido. Aqui adquirem também manifesta importância as moléculas que fazem parte da cascata inflamatória que desperta como defesa contra a invasão viral.

É um facto que a resposta que o nosso organismo prepara para qualquer agressor externo é genericamente a mesma, passando obrigatoriamente pela inflamação (a mais básica das nossas defesas). Ora, os imensos mediadores que são produzidos no contexto da inflamação e as diversas células que são implicadas nesta resposta são, todos eles, potenciais agressores da barreira hematoencefálica.

O envolvimento do sistema nervoso central por esta resposta inflamatória poderá justificar algumas das dificuldades cognitivas que têm sido reportadas. E isto tanto na infeção aguda como a mais longo prazo, dentro da esfera do que hoje se designa por “*long covid syndrome*” (manifestações que persistem para lá das quatro semanas após a cura).

Dificuldade em manter a atenção ou a concentração, queixas subjetivas de memória e sensação de lentidão

Parasitando o nervo olfativo, o vírus entra numa autoestrada neuronal que só termina no próprio cérebro

no processamento da informação são frequentes e configuram o que ficou genericamente conhecido como “*brain fog*” (névoa mental ou nevoeiro mental). Este não é propriamente um diagnóstico neurológico, mas o conceito é muitas vezes invocado, na prática clínica, pela frequência dos sintomas, nos quais também se podem incluir perturbações do padrão do sono e uma certa fadiga, muitas vezes comparada a uma sensação de *jet lag* permanente.

Esta situação clínica não é, de todo, exclusiva da infeção pelo SARS-CoV-2. Sabíamos da sua existência relacionada com muitas doenças inflamatórias sistémicas ou mesmo exclusivas do sistema nervoso central (na esclerose múltipla, por exemplo, encontramos os sintomas supracitados). Mas é curioso como a inflamação é, de facto, o denominador comum destas situações, podendo (eventualmente) ser a chave para o entendimento dos mecanismos de doença e também para o desenvolvimento de possíveis tratamentos futuros.

A névoa mental, seja pela frequência com que a identificamos na prática clínica, seja pelo seu carácter relativamente agregador quanto ao potencial efeito prejudicial da inflamação sobre o cérebro, constitui um interessante desafio clínico. Dissipá-la poderá trazer uma espécie de D. Sebastião do tratamento dos distúrbios cognitivos. De facto, ansiamos por ele... E não deixa de ser interessante que esta reflexão tenha surgido em pleno ambiente perieleitoral. **+**